

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA – UNIFACCAMP

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**INCIDÊNCIA DE SINTOMAS DE ANSIEDADE EM PROFISSIONAIS DA
ENFERMAGEM QUE ATUAM NA LINHA DE FRENTE AO COVID-19**

Gleice de Souza Soares da Silva

Lidiane de Oliveira

Campo Limpo Paulista

Dezembro/2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA – UNIFACCAMP

**INCIDÊNCIA DE SINTOMAS DE ANSIEDADE EM PROFISSIONAIS DA
ENFERMAGEM QUE ATUAM NA LINHA DE FRENTE AO COVID-19**

Gleice de Souza Soares da Silva

Lidiane de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Campo Limpo Paulista - UNIFACCAMP como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Ma. Rita de Cássia de Aguirre Bernardes Dezena

Campo Limpo Paulista/SP

Dezembro/2021

INCIDÊNCIA DE SINTOMAS DE ANSIEDADE EM PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM QUE ATUAM NA LINHA DE FRENTE AO COVID-19

INCIDENCE OF ANXIETY SYMPTOMS IN NURSING PROFESSIONALS WHO WORK ON THE FRONT LINE OF COVID-19

Gleice de Souza Soares da Silva¹

Lidiane Oliveira da Silva¹

Rita de Cássia de Aguirre Bernardes Dezena²

Resumo

A pandemia COVID-19 surgiu em dezembro de 2019 afetou de maneira significativa, a saúde física e mental dos profissionais da saúde. O objetivo desse estudo foi investigar a incidência de sintomas de ansiedade em profissionais de Enfermagem da linha de frente ao COVID-19 em um Hospital público do interior do Estado de São Paulo. Trata-se de um estudo prospectivo, observacional, de corte transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, a partir da aplicação do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) a 81 profissionais da equipe de enfermagem que atuam na linha de frente ao atendimento a COVID-19. Os sintomas de maior frequência relatados pelos entrevistados foram o “nervoso”, o “medo que aconteça o pior” e a “incapacidade de relaxar”. Quanto aos níveis de ansiedade, a maioria encontra-se no grau mínimo, porém 9(11,11%) profissionais apresentam ansiedade em grau severo. Destes, oito profissionais são técnicos de enfermagem. Concluiu-se que lidar com a pandemia por COVID-19 gerou nos profissionais de enfermagem um número considerável de sintomas de ansiedade de intensidade leve a grave. Isso aponta para a necessidade de que os serviços de saúde mobilizem estratégias adequadas para melhorar a qualidade de vida desses profissionais.

Descritores: COVID-19. Sintomas de ansiedade. Enfermagem.

Abstract

The COVID-19 pandemic emerged in December 2019 significantly affected the physical and mental health of health professionals. The objective of this study was to investigate the incidence of anxiety symptoms in nursing professionals on the front line of COVID-19 in a public hospital in the interior of the state of São Paulo. This is a prospective, observational, cross-sectional and descriptive study, with a quantitative approach, based on the application of the Beck Anxiety Inventory (BAI) to 81 professionals from the nursing team who work on the front line of COVID care -19. The most frequent symptoms reported by respondents were “nervous”, “fear of the worst” and “inability to relax”. As for anxiety levels, most are at a minimum level, but 9 (11.11%) professionals have severe anxiety. Of these, 8 professionals are nursing technicians. It was concluded that dealing with the COVID-19 pandemic generated a considerable number of mild to severe anxiety symptoms in nursing professionals. This points to the need for health services to mobilize appropriate strategies to improve the quality of life of these professionals.

Descriptors: COVID-19. Anxiety symptoms. Nursing.

¹ Graduandas em Enfermagem-Centro Universitário Campo Limpo Paulista-UNIFACCAMP.

² Docente do Centro Universitário Campo Limpo Paulista-UNIFACCAMP. Mestra em Ciências da Saúde. Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva. Especialista em Docência para profissionais de Saúde. rita.faria@faccamp.com

Introdução

Desde dezembro de 2019, o mundo vem enfrentando uma pandemia denominada Coronavirus Disease 2019 (COVID-19), causada por um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, que na sua forma mais grave, é responsável pela Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). Os profissionais de enfermagem, bem como outros profissionais que prestam assistência direta, estão na linha de frente do atendimento e cuidado às pessoas com COVID-19, o que pode desencadear sofrimento psíquico.¹

Situações de pandemia requerem maior atenção ao trabalhador de saúde também no que se refere aos aspectos que dizem respeito à sua saúde mental.²

Na linha de frente no combate ao COVID-19, os profissionais no mundo todo se dividem em turnos exaustivos de trabalho, atuando tanto no cuidado de casos mais complexos, quanto na prevenção em saúde. O cuidado direto a paciente com o vírus expõe constantemente os profissionais de saúde ao risco de contaminação e isso tem influência na sua saúde mental, refletindo nos processos de trabalho e na vida pessoal desses trabalhadores.³

Cada vez mais são frequentes os quadros de estresse, ansiedade, sintomas depressivos, insônia, negação, raiva e medo. Essa situação não apenas afeta a atenção, a compreensão e a capacidade de tomada de decisões como também afetam seu bem-estar gera.²

Em situações de pandemia, o foco de atenção sempre está voltado para a saúde física das pessoas, além do combate ao agente patogênico. Já os efeitos sobre a saúde mental, tendem a ser negligenciadas ou subestimadas. Isso gera lacunas importantes no enfrentamento dos desfechos negativos associados à doença, o que não é desejável, principalmente porque os efeitos psicológicos podem ser mais duradouros e prevalentes que os próprios acometimentos pela COVID-19, repercutindo em diferentes setores da sociedade.⁴

A ansiedade, não é considerada um fenômeno necessariamente patológico, mas uma função natural do organismo, permitindo ao mesmo estar preparado, ou preparar-se para responder, da melhor forma possível, a uma situação nova e desconhecida, bem como a uma situação já conhecida e interpretada como potencialmente perigosa. Porém, quando a ansiedade atinge graus muito elevados e contínuos, ela pode ser considerada prejudicial ao organismo, pois fará com que

este permaneça em constante estado de alerta, configurando, assim, as patologias designadas como transtornos de ansiedade, implica em um comprometimento ocupacional do indivíduo, impedindo o andamento de suas atividades profissionais, sociais e acadêmicas.⁵

Diante dessa situação, optou-se por avaliar a incidência de sintomas de ansiedade em profissionais que atuam na linha de frente, em um hospital de referência do interior do Estado de São Paulo.

Objetivo

Levantar a incidência de sintomas de ansiedade em profissionais da equipe de Enfermagem que atuam na linha de frente durante a pandemia de COVID-19.

Material e método

Trata-se de um estudo prospectivo, observacional, de corte transversal e descritivo, com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado em um hospital de referência ao atendimento a COVID-19, no interior do Estado de São Paulo.

A amostra foi aleatória por conveniência, constituída por 81 profissionais da equipe de enfermagem que atuam na linha de frente e no atendimento aos casos de COVID-19.

Os sujeitos que aceitaram participar, foram esclarecidos do propósito da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução nº466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. A caracterização sociodemográfica, foi avaliada utilizando-se um questionário estruturado elaborado pelas autoras. Para o levantamento de sintomas de ansiedade, foi utilizado a versão completa, em português, do Inventário de Beck de Ansiedade (BAI). O Inventário Beck de Ansiedade (BAI) é um instrumento adaptado e padronizado para a população por Cunha em 2001 e avalia sintomas de ansiedade numa escala de zero a quatro pontos, identificando níveis de gravidade crescentes de cada sintoma. Os níveis com escores de 0 a 10 são classificados como ansiedade mínima, de 11 a 19, como ansiedade leve, de 20 a 30, como ansiedade moderada e de 31 a 63 como ansiedade grave.⁵

A coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro de 2021 em entrevista individualizada, preservando a privacidade dos sujeitos.

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Campo Limpo Paulista sob o número de CAAE 47047021.6.0000.5397.

Resultados

A caracterização sociodemográfica dos 81 profissionais que participaram desse estudo demonstrou que quanto a escolaridade, 69 (85,18%) são de nível técnico (técnicos e auxiliares de enfermagem) e 12 (14,81%) nível superior.(enfermeiros). Quanto ao gênero 66 (81,48%) se declararam do sexo feminino. A faixa etária predominante foi entre 20 e 40 anos, referida por 36 (44,44%) participantes. Quanto ao tempo de profissão 36 (44,44%) dos profissionais referiu 5 anos ou mais, e o setor com maior número de participantes foi o Pronto Socorro Adulto (PSA), com 66 participantes (81,48%). Esses dados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1- Caracterização sociodemográfica dos sujeitos do estudo. Campo Limpo Paulista, 2021.

		n	%
TEMPO DE PROFISSÃO	até 1 ano	14	17,28
	1-3 anos	24	29,69
	3-5 anos	7	8,64
	>5 anos	36	44,44
SETOR	Pronto Socorro Adulto	66	81,48
	Clínica Médica	7	8,64
	Feminina	2	2,46
	CL Médica Masculina	1	1,23
	Clínica Cirúrgica 1	2	2,46
	Clínica ortopédica	2	2,46
	Pronto Atend. Central	1	1,23
IDENTIDADE DE GÊNERO	Semi-intensiva	66	81,48
	Feminino	15	18,51
IDADE(anos completos)	Masculino	1	1,23
	até 20	35	43,2
	21-30	36	44,44
	31-40	9	11,11
ESCOLARIDADE	41-60	12	14,81
	Superior	69	85,18
	Técnico		

Os sintomas de ansiedade foram classificados de acordo com a intensidade com que incomodaram os entrevistados na última semana até o momento em que o questionário foi respondido . A Tabela 2 traz a frequência e intensidade dos sintomas de ansiedade relatados pelos entrevistados.

(continua)

Tabela 2 - Frequência de sintomas de ansiedade nos profissionais de enfermagem durante a pandemia COVID-19. Campo Limpo Paulista, 2021.

SINTOMAS	INTENSIDADE	n	%
Dormência ou formigamento	Não	63	77,77
	Levemente	12	14,81
	Moderadamente	6	7,4
Sensação de calor	Não	36	44,44
	Levemente	20	24,69
	Moderadamente	18	22,22
	Gravemente	7	8,64
Tremores nas pernas	Não	58	71,6
	Levemente	12	14,81
	Moderadamente	9	11,11
	Gravemente	2	2,46
Incapacidade de relaxar	Não	35	43,2
	Levemente	19	23,45
	Moderadamente	16	19,75
	Gravemente	11	13,58
Medo de acontecer o pior	Não	34	41,97
	Levemente	18	22,22
	Moderadamente	15	18,51
	Gravemente	14	17,28
Atordoado ou tonto	Não	50	61,62
	Levemente	21	24,69
	Moderadamente	6	7,4
	Gravemente	4	4,93
Palpitação ou aceleração	Não	47	58,02
	Levemente	16	19,75
	Moderadamente	13	16,04
	Gravemente	5	6,17
Sem equilíbrio	Não	66	81,48
	Levemente	10	12,34
	Moderadamente	4	4,93
	Gravemente	1	1,23
Aterrorizado	Não	57	70,37
	Levemente	15	18,51
	Moderadamente	7	8,64
	Gravemente	2	2,46
Nervoso	Não	28	34,56
	Levemente	20	24,69
	Moderadamente	23	28,39
	Gravemente	10	12,34

Continuação Tabela 2

SINTOMA	INCIDÊNCIA	n	%
	Não	49	60,49
	Levemente	16	19,47
	Moderadamente	11	13,58
	Sensação de sufocação	Gravemente	5
	Não	60	74,07
	Levemente	8	9,87
	Moderadamente	10	12,34
	Tremores nas mãos	Gravemente	3
	Não	66	81,48
	Levemente	6	7,4
	Moderadamente	5	6,17
	Tremulo	Gravemente	4
	Não	42	54,32
	Levemente	23	28,39
	Moderadamente	8	9,87
	Medo de perder o controle	Gravemente	8
	Não	55	67,9
	Levemente	12	14,81
	Moderadamente	10	12,34
	Dificuldade de respirar	Gravemente	4
	Não	45	55,55
	Levemente	14	17,28
	Moderadamente	10	12,34
	Medo de morrer	Gravemente	12
	Não	36	44,44
	Levemente	27	33,33
	Moderadamente	10	12,34
	Assustado	Gravemente	8
	Não	48	59,25
	Levemente	20	24,69
	Moderadamente	8	9,87
	Indigestão ou desconforto abdominal	Gravemente	5
	Não	67	82,71
	Leve	10	12,34
	Moderadamente	1	1,23
	Sensação de desmaio	Gravemente	3
	Não	59	72,83
	Levemente	14	17,28
	Moderadamente	3	3,7
	Rosto afoqueado	Gravemente	5
	Não	55	67,90
	Levemente	15	18,51
	Moderadamente	4	4,93
	Suor não devido ao calor	Gravemente	7

Quanto a intensidade dos sintomas, os considerados de maior gravidade (dificilmente pode suportar) foram “medo que aconteça o pior” pontuado por 14(17,28%) dos entrevistados e “medo de morrer”, assinalado por 12 (14,81%) participantes.

Quanto aos sintomas apontados como tendo incomodado moderadamente os participantes (foi muito desagradável, mas pode suportar) , o “ nervoso “ foi citado por 23 (28,39%) e a “sensação de calor” por 18 (22,22%) indivíduos. Entre os sintomas que causaram um desconforto de intensidade leve (não me incomodou muito) o sentir-se “assustado” foi assinalado por 27 (33,33%) e o “medo de perder o controle” foi pontuado por 23 (28,39%) dos profissionais de saúde.

Na avaliação global, os sintomas relatados com maior frequência, considerando aqui os três graus de incomodo (leve, moderado e grave), foram o “nervoso” citado por 53 (65,43%) profissionais, o “medo de acontecer o pior” citado por 47 (58,02) e a “incapacidade de relaxar” pontuado por 46 (56,79%) dos indivíduos,

Embora quantificar os níveis de ansiedade dos profissionais entrevistados não tenha sido o foco desse estudo, foi feita a avaliação individual de cada questionário e os resultados demonstraram que 41 (50,52%) dos profissionais apresentam grau mínimo de ansiedade, 22 (27,17%) grau leve, porém, 9 (11,11%) profissionais demonstram grau moderado de ansiedade e 9 (11,11%) encontram-se com grau severo de ansiedade. Esses resultados são demonstrados na Tabela 3.

Tabela 3- Grau de ansiedade dos sujeitos do estudo conforme a categoria profissional-Campo Limpo Paulista,2021

Grau de ansiedade	Categoria profissional	n (81)	%
Ansiedade Mínima (score menor ou igual a 10)	Enfermeiro	11	13,58
	Técnico/Auxiliar	30	37,04
Ansiedade Leve (score entre 11-19)	Enfermeiro	0	-
	Técnico/Auxiliar	22	27,17
Ansiedade moderada(score entre 20-30)	Enfermeiro	0	-
	Técnico/Auxiliar	9	11,11
Ansiedade Grave (score de 31 a 63)	Enfermeiro	1	1,23
	Técnico/Auxiliar	8	9,88

Observa-se que os 9 casos classificados como “ansiedade moderada” e 8 dos 9 casos classificados como “ansiedade grave” ocorreram nos profissionais de nível técnico quando comparados ao nível superior. A Tabela 4 demonstra o grau de ansiedade dos auxiliares e técnicos de enfermagem que constituíram a amostra.

Tabela 4- Grau de ansiedade dos técnicos e auxiliares e de enfermagem da amostra -Campo Limpo Paulista,2021

Grau de ansiedade	n (69)	%
Ansiedade Mínima (score menor ou igual a 10)	30	43,49
Ansiedade Leve (score entre 11-19)	22	31,88
Ansiedade moderada(score entre 20-30)	9	13,04
Ansiedade Grave (score de 31 a 63)	8	11,59

Discussão

A população desse estudo foi composta majoritariamente por técnicos de enfermagem, do sexo feminino, com idade entre 20 e 40 anos e com tempo de atuação de cinco anos ou mais.

Entre as mulheres, os sintomas mais frequentes foram o medo que aconteça o pior, o medo de morrer e o nervoso. Estudo realizado por Fernandes (2018), comparando sexo e ansiedade, encontrou maior prevalência de ansiedade na população feminina. Isso pode ser explicado pela combinação de fatores biológicos, psicossociais e culturais, que vão desde múltiplos papéis, com interfaces trabalho-família, à desigualdade de gênero inter e intra-atividade profissional.⁶

Nesse estudo, sintomas como “nervosismo”, “medo que aconteça o pior” e “incapacidade para relaxar” caracterizados como moderado e grave, foram os de maior frequência entre os profissionais de enfermagem. O “medo de morrer” também foi expressivamente pontuado pelos profissionais de nível técnico.

O maior tempo de cuidado direto com pacientes da equipe de enfermagem em comparação aos médicos pode também ser uma das explicações para o maior risco de ansiedade.⁷

Dos sintomas de incapacidade de relaxar e medo que aconteça o pior, a incapacidade de relaxar é um dos principais sintomas da ansiedade segundo o DSM-5(2013) .Já o medo de que aconteça o pior é frequente em profissionais da área da saúde e está associado ao medo constante de contrair a doença e transmitila aos seus familiares a seus familiares, além da incerteza quanto ao tempo de duração da pandemia e seus desfechos.⁸ Estudo realizado em Teresina, Piauí (2016), com 90 profissionais de saúde, também evidenciou a prevalência dos sintomas psíquicos como medo de perder o controle e nervosismo entre essa população, bem como principal sintoma físico, a incapacidade para relaxar. Cabe

aqui uma ressalva, de que no período desse estudo, ainda não havia a pandemia por COVID-19.⁹

Estudo semelhante realizado em uma Policlínica em Tubarão, Santa Catarina (2020) com 38 profissionais de saúde, encontrou como sintomas graves relacionados a ansiedade, a palpitação ou aceleração do coração e indigestão ou desconforto no abdômen Já como sintomas de intensidade moderada, destacaram-se a incapacidade de relaxar e o medo que aconteça o pior.⁸

Quanto a avaliação do grau de ansiedade, esse estudo encontrou que 40 (49,39%) dos entrevistados apresentam algum grau de ansiedade. A maior parcela dos indivíduos apresenta ansiedade em grau mínimo, com pontuação variando entre 0 e 10 pontos no BAI. Porém, 9 (11,11%) apresentam grau de ansiedade moderada e 9 (11,11%) apresentam grau severo de ansiedade, sendo que entre esses profissionais, 17 são técnicos/auxiliares de enfermagem.

A literatura relata que os técnicos de enfermagem apresentam maior proporção de sintomas de ansiedade quando comparados aos enfermeiros. Esse achado pode ser explicado pela própria característica do trabalho desses profissionais, responsáveis pela execução da maioria dos procedimentos que exigem maior desgaste físico.⁹

Considerando que o estudo avaliou profissionais de enfermagem que atuam na linha de frente ao atendimento de vítimas de COVID-19, os fatores geradores de estresse ainda são vivenciados diariamente por esses profissionais. Esse fato, por si só, pode contribuir para o agravamento do grau de ansiedade desses profissionais. A atuação em saúde frente à COVID-19 demanda outros fatores potencialmente estressores, como exposição ao risco de infecção pelo vírus, fadiga física e mental, necessidade do uso contínuo de Equipamentos de Proteção Individual e afastamento da família, enfim, a ansiedade pode apresentar diversas manifestações nos profissionais de enfermagem, com reflexo direto na vida pessoal e profissional, fragilizando-os. Atuar em setores fechados e com procedimentos de alta complexidade também é um fator desencadeante de ansiedade.¹⁰

Estudo realizado no Estado de São Paulo, ao analisar 39 profissionais de enfermagem que atuavam em Clínica Médica, Pronto Atendimento, Terapia Intensiva e Centro Cirúrgico, constatou uma prevalência de 15% de sintomas de ansiedade de grau leve a moderado,⁸ enquanto no presente estudo 31 (38,28) dos profissionais de enfermagem apresentavam ansiedade leve ou moderada.

A complexidade de um serviço de urgência e emergência aliada à gravidade da clientela que ali aporta e à constante imprevisibilidade dos acontecimentos fazem com que o ambiente seja permeado de instabilidade .⁹

Em meio ao caos vivenciado em uma pandemia, é fundamental que as autoridades de saúde estejam preparadas para lidar da melhor forma com as consequências que o vírus pode causar nas pessoas, incluindo problemas relacionados à saúde mental. A equipe de enfermagem que trabalha em setores de emergência e UTIs habitualmente vivencia momentos de tensão, porém, a sobrecarga de tarefas, exigência por resultados positivos e a expectativa social no seu trabalho podem levar a mesma a não desenvolver plenamente suas atividades., impactando em sua saúde mental. ¹¹

Conclusão

Os sintomas de ansiedade identificados nesse estudo foram o nervoso o medo que aconteça o pior e a incapacidade de relaxar. Os profissionais de nível técnico e do sexo feminino apresentam maior gravidade desses sintomas. O grau de ansiedade nos indivíduos cursou de leve a grave, evidenciando que políticas de atenção á saúde do trabalhador em meio a pandemia COVID-19, sejam elaboradas a fim de preservar a saúde mental dos profissionais de saúde, em especial dos profissionais de enfermagem.

Considerações finais

Finalizamos esse estudo dedicando esse trabalho a todos os profissionais de enfermagem, muitos deles nossos colegas de trabalho, que no cumprimento do dever, se contaminaram e perderam a vida, É por vocês, queridos companheiros e companheiras de profissão, que resistiremos.

Referências

1. Miranda Fernanda Berchelli Girão, Yamamura Mellina, Pereira Sarah Salvador, Pereira Caroline dos Santos, Protti-Zanatta Simone Teresinha, Costa Marcelli Karina et al. Sofrimento psíquico entre os profissionais de enfermagem durante a pandemia da COVID-19: Rewiu Scoping . Esc. Anna Nery [Internet]. 2021 .Acesso em 05 de abril de 2021.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000500301&lng=en. Epub Mar 05, 2021. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0363>.

2. Teixeira Carmen Fontes de Souza, Soares Catharina Matos, Souza Ednir Assis, Lisboa Erick Soares, Pinto Isabela Cardoso de Matos, Andrade Laíse Rezende de et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2020 Sep [cited 2021 Apr 05; 25(9)]: 3465-3474. Acesso em 05 de abril de 2021.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903465&lng=en. Epub Aug 28, 2020.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>.
3. Duarte MLC, Silva DG, Bagatini MMC Enfermagem e saúde mental: uma reflexão em meio à pandemia de coronavírus. Rev Gaúcha Enferm. 2021;42(esp):e20200140 doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200140>
4. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze DAS, Silva LN, Demenech LM. Saúde Mental e intervenção psicológicas diante do novo coronavírus(COVID-19), Estudos de 13 Psicologia (Campinas), 37, e 200063, 2020
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501
5. Rosemari Marques Obelar. Avaliação psicológica nos transtornos de ansiedade: estudos brasileiros. Monografia do Curso de Especialização em Avaliação Psicológica. Instituto de Psicologia.. Universidade Federal do rio Grande do Sul. Maio de 2016.
6. Fernandes MA, Ribeiro HKP, Santos JDM, Monteiro CFS, Costa RS, Soares RFS. Prevalence of anxiety disorders as a cause of workers' absence. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(Suppl 5):2213-20. [Thematic Issue: Mental health] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0953>
7. Silva DF, Cobucci RN, Soares-Rachetti VD, Lima SC, Andrade FB. Prevalência de ansiedade em profissionais da saúde em tempos de COVID-19: revisão sistemática com metanálise. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. Fev 2021 [Acesso em 10 out 2021];26(2):693-710. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.38732020>
8. Souza, Marina Nunes, Almeida, Maria Paula Pereira Matos de. Incidência de sintomas de ansiedade em profissionais da área da saúde atuantes no combate à pandemia da COVID-19. Repositório Universitário da Ânima- UNISUL. 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16715>. Acesso em 17 de outubro de 2021.
9. Veloso LUP, Laurindo LMB, Sousa LRP de et al. Prevalência de ansiedade em profissionais de enfermagem de urgência e emergência. Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(11):3969-76, nov., 2016. Disponível em: <https://doi.org/https://10.5205/reuol.9881-87554-1-EDSM1011201619>. Acesso em 09 de outubro de 2021
10. Dal'Bosco EB, Floriano LS, Skupien SV, Arcaro G, Martins AR, Anselmo AC. Mental health of nursing in coping with COVID-19 at a regional university hospital. Revista Brasileira de Enfermagem [Internet]. 2020 [Acesso 10 nov 2021];73(suppl 2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0434>

11. Duarte MD, Silva DG, Bagatini MM. Nursing and mental health: a reflection in the midst of the coronavirus pandemic. *Revista Gaúcha de Enfermagem* [Internet]. 2021 [Acesso 10 out 2021];42(spe). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200140>